

---

## A FEIRA LIVRE DA AVENIDA SAUL ELKIND EM LONDRINA-PR

Andréa Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa tem por objetivo explicitar a dinâmica e o processo de funcionamento da feira livre da Avenida Saul Elkind localizada na região norte da cidade de Londrina. Essa feira surgiu entre os anos de 1982 e 1983 e atualmente, possui 259 barracas distribuídas em 11 quarteirões, subdividindo-se em três setores: feira do produtor, camelôs, e feira de produtos hortifrutigranjeiros. Apesar de sua grande extensão, a mesma vem apresentando queda no volume de vendas, devido à concorrência com um grande supermercado existente na área.

**Palavras-chave:** feira livre, abastecimento alimentar, conjuntos habitacionais, supermercados, hortifrutigranjeiros.

---

### THE MARKET FAIR FROM SAUL ELKIND AVENUE IN THE LONDRINA CITY-PR

**ABSTRACT:** This research has as main objective the understanding of a market fair, its dynamics and operation process. The fair is located in the Saul Elkind Avenue in the Londrina city and was heated between 1982 and 1983. It's considered big in length and quantity. With its 259 tents distributed in 11 blocks subdivided in 3 sectors: producer, vendor and fruits and vegetables sector. Despite of its big extension the amount of sales has decreased due to the increase of competition with a big supermarket in the same area.

**Key-words:** market fair, alimentary supplying, habitations sets, supermarket.

---

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a gênese e evolução da feira livre da Avenida Saul Elkind, localizada na porção norte da cidade de Londrina – PR, área conhecida popularmente como Cinco Conjuntos, constituindo-se em um importante sistema de abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros para uma população de aproximadamente 100 mil habitantes.

No início da década de 1970, a cidade de Londrina apresentou rápido crescimento urbano, impulsionado pelo forte êxodo rural provocado pela modernização no campo. Com a chegada desta população na cidade, ocorreu uma reestruturação do sistema de habitação, mediante a necessidade de construção de moradias, para atender a população que chegava. Foi então, que o poder público local expandiu a construção dos conjuntos habitacionais por intermédio da Companhia de Habitação de Londrina – COHAB.

Os conjuntos habitacionais foram construídos em todas as direções da cidade, sendo que a maior concentração foi verificada na porção norte, área até então ocupada pela agricultura e distante do centro urbano. Com a construção dos conjuntos a área foi sendo gradativamente

---

<sup>1</sup> Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: andreabeidack@ig.com.br

ampliada com uso urbano e aos poucos foram adotados serviços de infra-estrutura e equipamentos coletivos.

Com a expansão físico-territorial e populacional e com a ascensão da Avenida Saul Elkind à condição de principal via de circulação, localização de estabelecimentos comerciais e prestação de serviços, ocorreu entre os anos de 1982 e 1983 a gênese da feira livre como uma importante fonte de abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros para a população residente nos Cinco Conjuntos.

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo principal entender a dinâmica e o processo de funcionamento da referida feira, e como objetivos específicos conhecer sua gênese e evolução, identificando e caracterizando a origem dos comerciantes que nela atuam, os produtos comercializados e os consumidores que a freqüentam, e finalmente, reconhecer a importância da feira no local.

A realização da pesquisa teve como motivação um profundo interesse em conhecer seu funcionamento, despertado pela curiosidade de entender o porquê de sua grande dimensão físico-territorial. É relativamente escassa a bibliografia sobre feiras livres, denotando na Geografia pouco interesse pelo tema. Portanto, este artigo visa contribuir para a discussão temática, analisando a permanência das feiras livres, num momento em que o comércio varejista de produtos alimentícios têm sido controlado por redes de supermercados.

## **A FEIRA LIVRE COMO UMA MODALIDADE DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PRODUTOS HORTIFRUTIGRANJEIROS E SUA RELAÇÃO COM OS SUPERMERCADOS**

Em seu estudo sobre a feira livre na cidade do Rio de Janeiro, Jesus (1992, p. 100) comentou que até o início do século XIX, talvez, não seja possível falar na existência de um sistema de abastecimento alimentar propriamente dito, vinculado ao reduzido tamanho da cidade, pelas limitações da dieta alimentar de seus habitantes e hábito de cultivar os quintais e criar pequenos animais soltos nas ruas.

A partir de 1808, com a chegada da Família Real, novos hábitos alimentares foram implantados na cidade, aumentando e diversificando a demanda por um abastecimento regular de gêneros alimentícios; abastecimento este, que devido à precariedade do sistema de transporte, era realizado de forma rudimentar, vivendo um período de crise que estendeu-se durante todo o século XIX até o início do século XX.

As feiras livres enquanto uma das estruturas responsáveis pelo abastecimento alimentar das cidades brasileiras, se faz presentes desde o nosso passado colonial, como uma importante tradição cultural ibérica implantada pelo colonizador. “Muito famosas, as

feiras medievais portuguesas, tinham periodicidade semestral ou anual, dada a intensa e cuidadosa preparação que exigiam” (JESUS, 1992, p. 96). No Brasil as tradicionais feiras de gado contribuíram no século XIX para a formação de núcleos de povoamento que se transformaram em centros urbanos dinâmicos, especialmente no interior paulista e nordestino.

Embora a origem das feiras livres esteja no período colonial brasileiro como fruto da transposição de hábitos e costumes dos colonizadores portugueses, estas assumiram grande importância ao longo do século XX. Tal fato se explica pelas mudanças urbano-industriais que ocorreram na sociedade brasileira, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro. A partir da expansão das feiras livres nas duas maiores cidades brasileiras, esta atividade expandiu-se também para outras regiões, pois conforme aumentava a população, a demanda por abastecimento alimentar se tornava cada vez maior.

Sendo a feira livre considerada como uma modalidade periódica do comércio varejista, cabe-nos entender este tipo de comércio amplamente difundido nas cidades, seja ela de pequeno, médio e grande porte. No que se refere ao comércio varejista, Corrêa (2000, p. 3), explicou que seu desenvolvimento é parte integrante do desenvolvimento capitalista, tendo a sua existência, de um lado, como escoadouro da produção industrial e de outro, como participante do processo de reprodução social por meio do consumo de produtos necessitados por uma população produtora de mercadorias e não mais de seus próprios meios de subsistência.

A organização estrutural do comércio varejista para Corrêa (2000, p. 6), deve ser entendido como um conjunto de características que dizem respeito, de um lado, à organização comercial em setor formal e informal, e de outro, a organização do comércio em rede. No entanto, explica que a transição do comércio varejista do circuito inferior para o superior pode se dar através da intervenção do estado que irá organizar uma área para instalar os vendedores de ruas, os camelódromos, localizados em áreas de comércio popular. Mas também pode se dar através de uma auto-organização na qual os espaços apropriados apresentam uma certa divisão territorial do trabalho, criando ainda um sistema próprio de segurança. No entanto, o comércio varejista, seja aquele vinculado a um relativamente autônomo capital comercial, seja como ramo do capital das grandes corporações, apresenta uma grande tendência a se organizar cada vez mais em redes, tanto por meio de lojas filiais com controle direto, como por meio de loja por franquia, submetidas a um controle indireto.

As feiras livres enquanto uma das estruturas responsáveis pelo abastecimento alimentar das cidades brasileiras, desempenham um importante papel dentro da sociedade;

além de seu grande desempenho no abastecimento, a feira se destaca também pela grande quantidade de empregos que gera, absorvendo a mão de obra desqualificada que vaga no subemprego. Há ainda de se considerar que a feira livre demanda uma rede de apoio, que envolve serviços como frete, transporte e aluguel de barracas, vendedores ambulantes e outros serviços que leva-nos a dimensionar o grande contingente que sobrevive desta atividade. (JESUS, 1992, p. 96).

A partir de meados da década de 1960, o Brasil acelerou sua industrialização, o crescimento urbano atingiu níveis inéditos, a expansão do tráfego rodoviário intra-urbano fez o automóvel monopolizar a via pública extinguindo formas de lazer e trabalho, dentre elas a feira livre. Beneficiando-se da modernidade, surgem os supermercados como um grande adversário para as feiras.

No que se refere aos supermercados como uma forma do comércio varejista; estes surgiram na Europa em meados da década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, marcando o início de nova fase da concentração e centralização comercial (PINTAUDI, 1981, p. 20). No Brasil, eles surgiram entre os anos de 1953 e 1955, sendo que os primeiros foram instalados na cidade de São Paulo. (PINTAUDI, 1981, p. 67). A implantação desses empreendimentos deu-se junto aos locais de mais fácil acesso aos consumidores com rendimentos mais elevados. Nas áreas onde os rendimentos do mercado consumidor são mais baixos, a implantação do supermercado deu-se de maneira difusa, dispersa no território.

A difusão do uso do automóvel entre os períodos de 1968 – 1973 aproximou vendedores e compradores e os pequenos estabelecimentos como quitandas e mercearias passaram a operar como supermercados ou se sofisticaram, ou ainda mudaram de lugar ou de ramo. Com o impacto dos supermercados só conseguiram sobreviver as quitandas situadas em bons pontos ou as que se equiparam com instalações vistosas. (PINTAUDI, 1981, p. 95). Neste período, houve um aumento do número de feiras livres, onde os principais produtos de comercialização eram perecíveis. Cabe ressaltar que na feira livre existe a possibilidade do consumidor comparar preços entre diferentes comerciantes da mesma mercadoria, o que influi no sentido de rebaixar o preço. Nesse sentido, a feira livre acaba competindo com o supermercado, porque oferece preços mais acessíveis, atraindo consumidores.

As feiras livres vão se localizar junto às regiões de menor poder aquisitivo, onde os grandes supermercados não se fazem presentes e onde as mesmas podem oferecer uma maior quantidade de produtos.

## **A EXPANSÃO URBANA DE LONDRINA PÓS 1970, A FORMAÇÃO DOS CINCO CONJUNTOS E A GÊNESE DA FEIRA LIVRE NA AVENIDA SAUL ELKIND**

Até o final dos anos de 1960, a cidade de Londrina apresentou rápido e vigoroso crescimento físico-territorial levado a cabo pela iniciativa privada mediante comercialização de lotes urbanos. Desde sua gênese foi o capital privado quem comandou o processo, seja pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), responsável pela implantação e comercialização dos lotes da planta inicial; seja pelos pequenos proprietários rurais com estabelecimentos no entorno da cidade, que mediante rápida expansão da mesma transformaram o rural em urbano; seja ainda pela criação de empresas loteadoras com diversas origens do capital, que promoveram a implantação de projetos ou loteamentos, ampliando ainda mais a área urbana incorporada.

Em 1970, a cidade de Londrina contava com uma população de 77.382 habitantes e a área urbana incorporada era de 3.179 hectares (FRESCA, 2002, p. 8). Contudo, a partir da década de 1970, inúmeras transformações afetaram singularmente a cidade e esta passou a ser um dos locais de afluxo da população rural, obrigada a sair do campo, mediante processo de modernização da agricultura. O rápido crescimento populacional urbano agravou as condições de oferta de moradia e articuladamente às tendências nacionais, este período foi marcado em Londrina pela forte atuação do poder público local, como promotor de moradia à população de menor poder aquisitivo, por intermédio dos conjuntos habitacionais.

A política habitacional comandada pelo poder público local teve início efetivo a partir de 1970, marcada pela atuação da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD), criada em meados dos anos de 1960. Até o início da atuação desta companhia, a Companhia de Habitação do Paraná (COHAPAR) atuava na construção de moradias populares em Londrina (FRESCA, 2002, p. 9). Nos anos de 1980, a expansão urbana de Londrina deu um grande salto, pois ainda era marcante o fluxo migratório proveniente do campo em virtude das mudanças na agricultura e com isso, o crescimento demográfico prosseguia em ritmo elevado.

A partir dos anos de 1990, houve uma expansão acentuada no sentido oeste e no sentido leste. No sentido sul da cidade a expansão prosseguiu e o extremo sul, foi ocupado por uma população de menor poder aquisitivo mediante ocupações ilegais de terra, que depois foram regularizadas, tanto a posse da terra como a dotação de infra-estrutura. À porção sudoeste mediante a valorização da área a partir da construção do Shopping Catuaí, foi marcada pela presença de condomínios fechados e chácaras de lazer de alto padrão.

Dentro do contexto da construção de conjuntos habitacionais pela COHAB-LD, faz-se necessário dar um enfoque especial à região norte de Londrina, uma importante região do ponto de vista social, cultural e econômico da cidade, onde está inserida a Avenida Saul Elkind, um importante foco do comércio e prestação de serviços da região.

A região norte da cidade é uma área localizada a aproximadamente 7 km do centro principal de Londrina, e foi formada a partir de uma política habitacional local nos anos de 1970, liderada pela COHAB-LD. Tornou-se um dos locais principais para a implantação de conjuntos habitacionais construídos para servir de moradia para a população oriunda do campo em virtude da modernização na agricultura. Esta área foi, lentamente, dotada de uma grande variedade de equipamentos de consumo coletivo proporcionando-lhe maior valorização imobiliária.

De acordo com Silva (2002, p.117), segundo designações da Prefeitura local e outros órgãos municipais como o Instituto de Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL) e a Companhia Municipal de Transito e Urbanização (CMTU), a região norte de Londrina é a área que se localiza ao norte da Avenida Brasília denominação dada à BR 369 no trecho urbano, conforme Figura 1. É uma região, também, conhecida como Cinco Conjuntos, expressão esta que conforme explicou Fresca (2002, p. 11), advém dos cinco primeiros conjuntos construídos nos anos de 1970, sendo eles: Ruy Virmont Carnasciali, Mílton Gavetti, Parigot de Souza I e II, João Paz e Semíramis B. Braga. No entanto, a denominação “Cinco Conjuntos” tem sido genericamente usada para toda esta área que reúne conjuntos habitacionais, loteamentos implantados pela iniciativa privada, assim como os assentamentos urbanos, favelas e núcleos.

A região norte de Londrina, que a partir daqui será tratada como Cinco Conjuntos, foi resultado de uma política habitacional implementada pelo poder público local –articulada à política habitacional Federal e Estadual - num momento em que ocorria profunda crise de moradia no Brasil; onde se verificava a reorganização da rede urbana brasileira; e profunda transformação na agricultura, com redução no plantio do café e gêneros alimentícios no norte do Paraná com a conseqüente intensificação da migração rural-urbana (SILVA, 2002, p. 119).

Com a intensa produção de moradias ocorrida nos anos de 1970, mediante a construção dos conjuntos habitacionais, houve a formação de um estoque de moradias em uma região distante do centro da cidade, criando-se também enormes vazios urbanos entre a área efetivamente ocupada e os conjuntos, tornando-se necessário à implantação de infraestrutura por parte do poder público nesses vazios, o que gerou a valorização destas áreas.

Com isso, o Cinco Conjuntos passou também a receber a instalação de equipamentos de consumo coletivo (SILVA, 2002, p. 121).

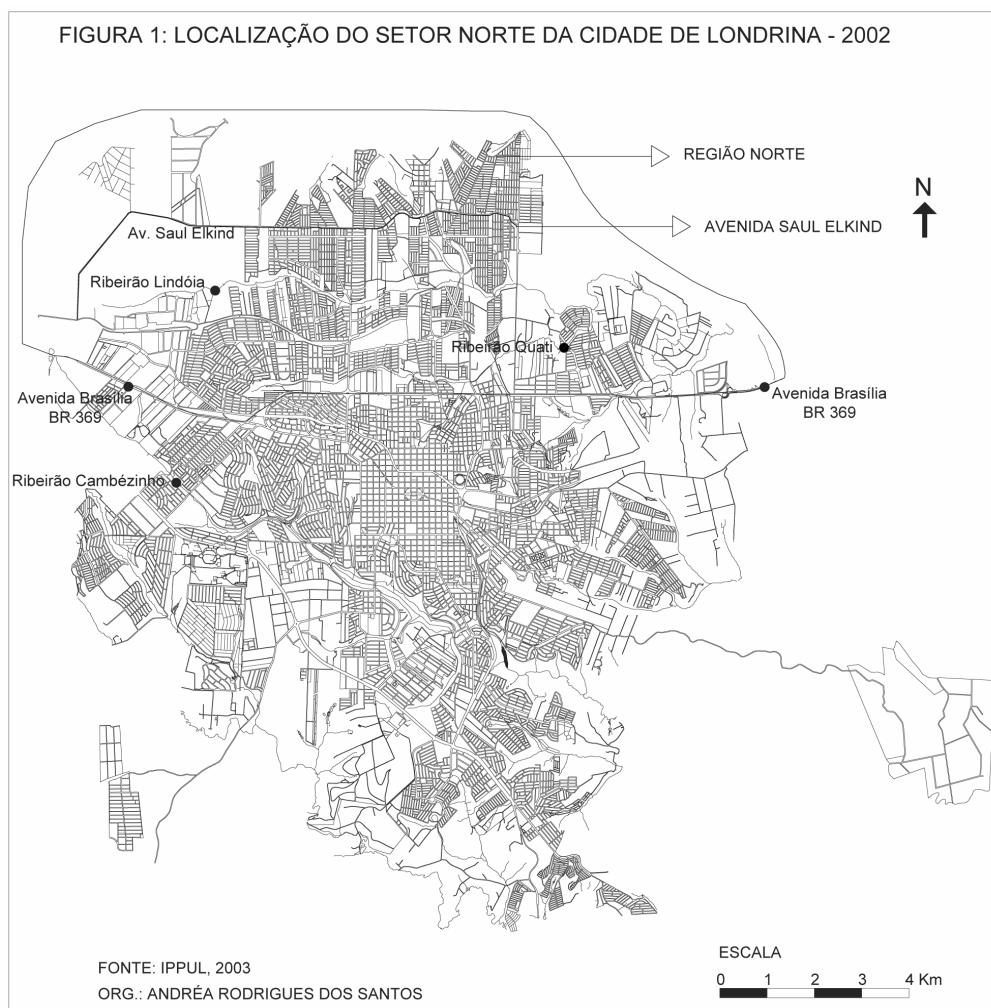


Figura 1 – Mapa de Londrina com destaque à zona norte. Fonte: modificado de IPPUL (2003).

Os moradores dos Cinco Conjuntos em sua gênese eram trabalhadores de várias origens, profissões e ideologias, residindo distante do centro da cidade, reivindicando melhorias nas condições de vida. Durante muito tempo esta população foi tratada com preconceitos pelo restante da população londrinense pelo fato de residirem em casas de conjunto habitacional. Outra forte razão para a existência do preconceito foi à localização dos conjuntos, pois estes foram construídos distante do centro da cidade numa área de uso eminentemente agrícola, deficitária em todos os serviços urbanos (ALVES, 1991, p. 105).

É importante frisar que no início da construção dos conjuntos habitacionais, a região contava com um comércio bastante rudimentar, adaptado para atender a população

com gêneros de primeira necessidade. Os comerciantes eram os próprios moradores dos conjuntos, que construíam nas frentes das casas seus estabelecimentos comerciais.

Já no final da década de 1980, muita coisa havia mudado na região: dotação de infra-estrutura; de equipamentos coletivos; ampliação no número de estabelecimentos comerciais e prestação de serviços; aumento no número de habitantes; abertura de loteamentos voltados a diferentes frações da classe média, dentre outros. Foi também aos poucos acabando os preconceitos manifestos na imprensa local referente à população residente na área.

A Avenida Saul Elkind de uma condição de simples localização de comércio rudimentar e artesanal de propriedade dos moradores locais, como era inicialmente; passou a ser o foco dos investimentos de importantes estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços localizados no centro da cidade, que encontraram na área o local para a instalação de suas filiais, mediante forte mercado consumidor.

A abertura desta avenida esteve articulada ao planejamento realizado pela COHAB-LD quando do início da construção dos Cinco Conjuntos. Tratava-se, no entanto de uma avenida com pequena extensão que tinha por objetivo servir àqueles primeiros conjuntos habitacionais, localizados na porção leste dos Cinco Conjuntos.

Apesar das transformações econômicas e sociais ocorridas na região e das comodidades que a mesma proporciona à sua população, os moradores mais antigos ainda guardam as lembranças dos tempos difíceis e das dificuldades enfrentadas quando do início da construção dos conjuntos, quando viviam isolados do restante da cidade, privados do usufruto dos serviços de infra-estrutura e dos equipamentos urbanos.

Com o crescimento e o desenvolvimento da região dos Cinco Conjuntos, juntamente com a ascensão da Avenida Saul Elkind como um importante local de circulação de mercadorias e reprodução do capital, surgiu, logo após a construção dos conjuntos habitacionais, uma feira livre de grande importância para o abastecimento da população da região.

A feira livre da Avenida Saul Elkind surgiu como uma forma de suprir necessidades da população residente nos conjuntos edificados na região, tendo como principal função abastecer esta população com produtos hortifrutigranjeiros em geral, indispensáveis à complementação da alimentação familiar. No início da década de 1980, ainda era bastante reduzida a presença de estabelecimentos comerciais destinados a este tipo de produtos. Ela era feita em vários bairros, não tinha um lugar fixo nem dia certo, a cada semana acontecia em um local diferente, em uma rua diferente.



Atualmente a feira livre ocupa onze quarteirões, sendo subdividida em 3 setores: a feira de produtos hortifrutigranjeiros, organizada pela CMTU que ocupa 5 quarteirões; os camelôs, sem regulamentação, compreendendo também 5 quarteirões e a feira do produtor, organizada pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SMAA), com apenas 1 quarteirão de tamanho um pouco maior que os outros.

A feira livre da Avenida Saul Elkind teve seu crescimento verificado no sentido leste-oeste, da mesma forma como aconteceu a expansão da referida avenida. Nos dias atuais a feira livre de produtos hortifrutigranjeiros inicia-se na esquina com a Rua Lázaro José Carias de Souza, passa pela Josefina Colombo, Francisco Arias, Félix Chenso, Capitão do Mato terminando na esquina com a Rua Cará Cará, a partir daí inicia-se o camelódromo que cruza a Rua Arara Azul, Hárpia, Avinhado, Azulão, até a Rua Joaquina Oliveira Perfeito onde inicia-se a feira do produtor, feira esta que se encontra em apenas um quarteirão, como já foi dito de tamanho maior que os outros (Figura 2).

Cabe ainda destacar na feira livre da Avenida Saul Elkind, a presença da Feira do Produtor, que foi inserida no ano de 1994, conforme informações da Secretaria Municipal da Agricultura e Abastecimento de Londrina, órgão regulamentador da feira do produtor. Foi, também, por volta de meados dos anos de 1990, segundo entrevistas com moradores, feirantes e comerciantes, que os camelôs começaram a atuar na feira livre da Avenida Saul Elkind, e que, apesar de estarem desde o início de forma ilegal, continuam até os dias atuais, presentes nesta feira.

Moradores, feirantes e comerciantes entrevistados concordam que a feira além de ser uma tradição cultural é também de grande importância para a população local, pois ela oferece grande parte dos alimentos necessários à subsistência familiar, com preços bastante acessíveis, além de garantir ainda, o sustento de muitas famílias que dependem dela para sobreviver.

## **A DINÂMICA E O FUNCIONAMENTO DA FEIRA LIVRE DA AVENIDA SAUL ELKIND**

A Feira Livre da Avenida Saul Elkind, desde o seu início, vem desempenhando um importante papel no abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros para a população residente naquela porção da cidade.

Com a rápida expansão físico-territorial e populacional e com o desenvolvimento econômico da área, manifestada, no aumento do número de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços, a feira foi também adquirindo maior importância e expandindo-se em termos do número de barracas.

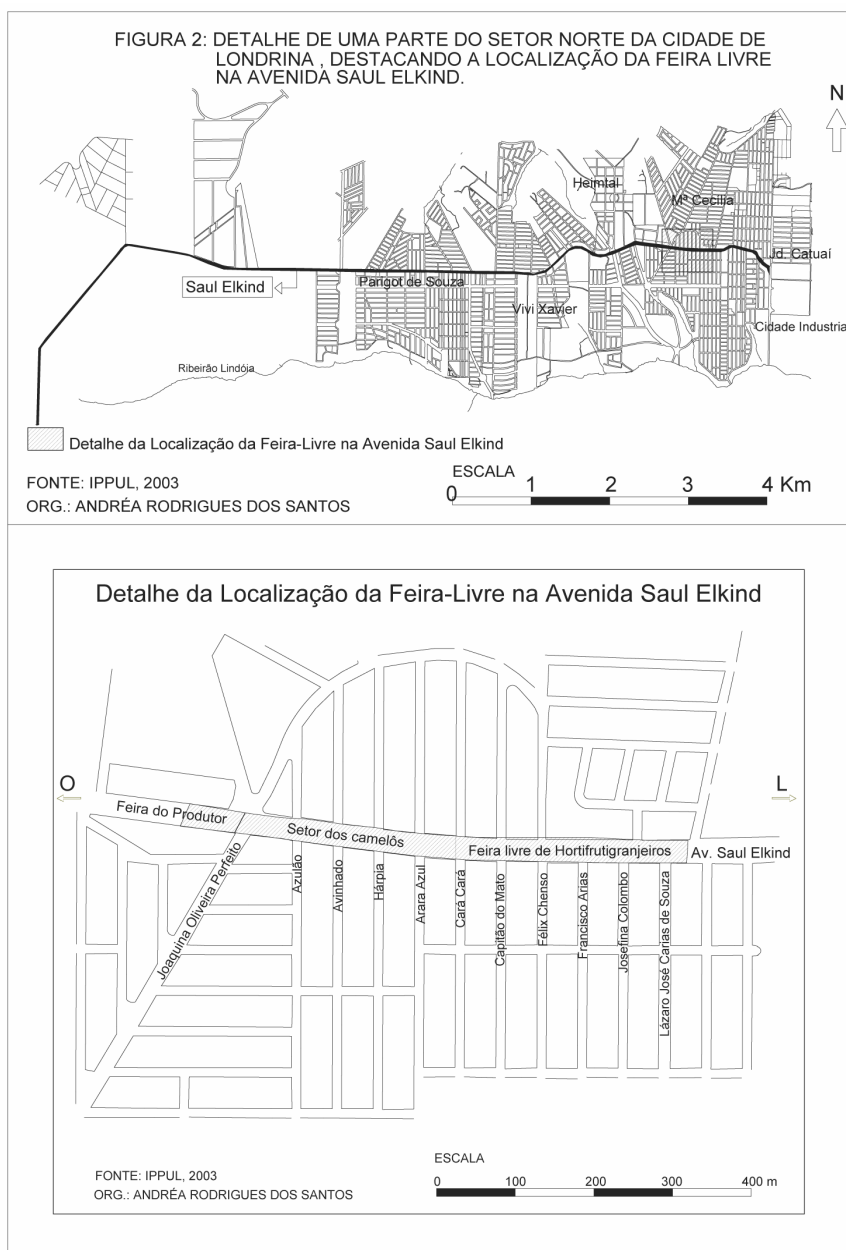


Figura 2 – Localização da feira-livre na Avenida Saul Elkind. Fonte: Modificado de IPPUL 92003).

São vários os tipos de produtos comercializados e com diferentes padrões de qualidade, havendo a presença de hortifrutigranjeiros em geral, como frutas, verduras, legumes, ovos, bem como barracas de pastéis, caldos de cana, cereais, queijos, carnes, artesanato, além de numerosos outros tipos de barracas de produtos diversos que compõem a parte correspondente aos camelôs.

Para o conhecimento do real funcionamento da Feira Livre da Avenida Saul Elkind fez-se necessária à realização de entrevistas com feirantes, camelôs e produtores

nos dias de funcionamento da mesma, aos domingos pela manhã. As entrevistas foram realizadas em agosto e setembro de 2003. Na feira livre de produtos hortifrutigranjeiros foi realizada uma entrevista com feirantes de diferentes sexos e idades, compondo uma faixa etária dos 26 aos 69 anos de idade, em diferentes tipos de barracas com produtos diferenciados. Muitas dessas pessoas são moradores de conjuntos habitacionais dos Cinco Conjuntos e de outros bairros da cidade.

Segundo informação dos feirantes, quando a feira começou apresentava um movimento maior em relação ao volume de vendas, mas atualmente as pessoas vêm à feira apenas para passear. Diante do questionamento sobre as razões de começar a trabalhar como feirante, houve a argumentação daqueles que começaram a atuar na feira porque já era uma atividade praticada anteriormente pelos pais, e por considerarem a feira uma tradição familiar não quis abandonar a mesma.

A proveniência dos produtos vendidos nesta parte da feira vem de fontes diversas, sendo que a maior parte deles é oriundo da CEASA de Londrina, e em menor proporção, dos mercados populares do município, de produtores da região, dentre outros. Dentre os produtos mais vendidos nesta subdivisão da feira estão a batata, a cebola, a banana, laranja, melancia, entre outros.

Todos os feirantes pagam um valor anual pela permanência na feira, sendo que o valor varia conforme o tamanho da barraca, oscilando de R\$ 20,00 até R\$ 200,00. A maior parte dos feirantes, com os quais se realizou a entrevista, trabalha apenas como feirante, participando da feira durante toda a semana em locais diferenciados. Alguns possuem outras ocupações no decorrer da semana. As pessoas que trabalham nas bancas normalmente são membros da família, prevalecendo sempre o casal, havendo bancas em que trabalham de duas até quatro pessoas.

Na porção da feira composta por camelôs também se realizaram entrevistas com mulheres e homens de diferenciadas faixas etárias, oscilando entre 20 e 65 anos. No geral estes camelôs são moradores de diferentes bairros da cidade, apenas alguns residem nos Cinco Conjuntos. Os produtos comercializados são bastante diferenciados como bijuterias, roupas, brinquedos, CDs piratas, etc. A aglomeração de pessoas movimentando-se nesta porção da feira é bastante intensa. Verifica-se também a intensa presença de vendedores ambulantes caminhando entre os transeuntes por seus estreitos corredores, carregando seus produtos nas mãos ou em algum tipo de transporte ou até mesmo expondo-os no chão sobre panos, lonas, bancos e até mesmo sobre carros. Não podemos deixar de mencionar a presença das barracas de pastéis, ponto de encontro dos amigos, sempre cheias e movimentadas, atendendo os diferentes gostos, sendo a barraca mais visitada da feira.

Estes camelôs não são regulamentados por nenhum órgão público, não pagando nenhum tipo de imposto ou taxa para participarem da feira e não são fiscalizados. Muitos destes comerciantes já possuem lojas no Shopping Popular, antigo Camelódromo localizado no centro da cidade, e a barraca na feira livre seria uma espécie de “filial” da loja do centro.

Muitos camelôs deixaram de realizar suas compras no Paraguai porque enquanto uns traziam poucas mercadorias, permitidas pela fiscalização, outros traziam mercadorias não autorizadas. Quando passavam pela fiscalização na Ponte da Amizade na fronteira Brasil-Paraguai, eram barrados. Atualmente, estes camelôs preferem comprar seus produtos em São Paulo, onde compram também de outros camelôs maiores e mais equipados. Estes comerciantes, de modo geral, trabalham em família, composta normalmente pelo casal e mais um filho ou uma filha, em alguns casos trabalham sozinhos. Entendem que a feira proporciona o desenvolvimento à região, pois a mesma é um tipo de comércio que proporciona uma movimentação grande de dinheiro. O consumidor não precisa ir ao centro da cidade para comprar determinados produtos. Na própria feira eles são encontrados e com um preço bem menor.

Os produtores rurais que atuam nesta feira residem em diferenciados bairros da cidade como Luiz de Sá, Gleba Cafezal, Alto da Boa Vista, em distritos do município de Londrina como na Warta, além de algumas cidades da região. Como o movimento é intenso na feira as vendas têm sido consideravelmente boas. Os produtores com os quais realizaram-se as entrevistas afirmaram possuir bancas apenas na feira da Saul Elkind. Dentre os principais produtos comercializados estão os hortifrutigranjeiros, sendo que há aqueles que vendem mais frutas cujas quantidades oscilam de 30 a 35 caixas por domingo. É importante lembrar que o volume de vendas de cada produto está muitas vezes associado à safra anual, e que produtos de época tendem a ser mais baratos, visto que a oferta é elevada. Além de produtores e feirantes aos domingos, alguns deles realizam outra atividade fora da feira. A maioria dos produtores rurais não atua em outras atividades. As vendas são realizadas pelos membros da família ou até mesmo auxiliadas por amigos em determinadas épocas do ano. Quando o movimento é maior aumenta-se o número de atendentes.

A referida feira é bastante visitada por pessoas provenientes de diversos bairros da cidade, em especial dos Cinco Conjuntos, sendo constatada presença de consumidores e ou visitantes de outras cidades da região como Cambé, Ibiporã, Bela Vista do Paraíso, entre outras. Os consumidores são predominantemente dos conjuntos habitacionais localizados no Cinco Conjuntos. Do grupo de consumidores entrevistados, pôde-se descobrir que o índice de freqüência à feira é bastante elevado, para muitos semanalmente e poucos são aqueles que a freqüentam apenas de vez em quando.

Nota-se que os consumidores ainda estão preferindo a feira ao supermercado, pois salientam que nos supermercados os produtos possuem preços mais elevados, incompatíveis com a renda familiar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Feira Livre da Avenida Saul Elkind constitui-se em um importante sistema de abastecimento alimentar de produtos hortifrutigranjeiros para a região dos Cinco Conjuntos, atendendo uma população de aproximadamente 100 mil habitantes distribuídos por conjuntos habitacionais e loteamentos diversos.

Seu surgimento no início da década de 1980 logo após a construção dos primeiros conjuntos habitacionais na região norte da cidade foi fruto de uma política habitacional iniciada em meados da década de 1970, quando o país e em especial a cidade de Londrina, passava por uma profunda crise no sistema de moradias em virtude das alterações no local de residência da população em razão do grande êxodo rural.

Considerada a maior feira livre da cidade pela CMTU, a mesma está compreendida em 11 quarteirões, sendo que 5 quarteirões corresponde à feira de produtos hortifrutigranjeiros, 5 quarteirões corresponde à porção composta pelos camelôs e 1 quarteirão compreendendo a feira do produtor.

Funcionando aos domingos de manhã, apresenta um grande movimento de pessoas em seus corredores, sendo que muitas delas estão apenas passeando enquanto outras estão adquirindo mercadorias. Sem contar que há também um grande número de vendedores ambulantes, que se aproveitam da presença da feira e do movimento por ela gerado, para vender seus produtos diversos, e o próprio comércio da Avenida Saul Elkind e adjacências.

Apesar da grande importância que tem a feira como fonte de abastecimento da população local, é importante frisar que ela vem sofrendo significativa queda no volume de vendas em virtude da concorrência com os supermercados localizados na região, em especial com um grande hipermercado instalado na Avenida Saul Elkind, o Super Mufato.

O Super Mufato foi inaugurado na Avenida Saul Elkind em Setembro de 2000, sendo a terceira unidade da rede a ser instalada na cidade de Londrina. Quando houve a decisão de abrir filiais na cidade, a primeira unidade a ser construída localizou-se na Avenida Quintino Bocaiúva, na região central da cidade. Seguidamente foi inaugurada uma filial na Avenida Duque de Caxias, na porção sul da mesma.

A entrevista deixa claro que a unidade presente na Avenida Saul Elkind apresenta um volume de vendas bem menor que aquele instalado na região central, pois enquanto este oferece produtos mais selecionados, direcionados a uma população que apresenta maior poder aquisitivo, o da Saul Elkind oferece produtos considerados pela gerência como sendo básico e direcionado para uma população com menor poder aquisitivo.

Desde quando abriu a primeira filial em Londrina, o objetivo do Super Mufato foi sempre crescer, construir uma unidade em cada região da cidade: um na região sul, outro na área central e outro na região norte da mesma. A intenção foi e é expandir-se para todas as áreas de Londrina. Em relação ao volume de vendas realizado pelas três unidades do referido supermercado em Londrina, quem ocupa o primeiro lugar no ranking é o da Avenida Duque de Caxias, em segundo lugar o da Quintino Bocaiúva e em terceiro, o da Avenida Saul Elkind.

Cada supermercado é responsável pela compra dos produtos e o setor de hortifrutigranjeiros possui um encarregado responsável pela compra, sendo diariamente revisado o estoque, verificado quais os produtos com menor quantidade e comunicado ao gerente geral que efetua o pedido. Grande parte dos produtos vendidos no setor de hortifrutigranjeiros é adquirido na CEASA. O supermercado já tem seus próprios fornecedores dentro da unidade da CEASA, e após o pedido realizado fazem a entrega dos produtos. Estes apresentam um prazo de validade e precisam ser vendidos sem demora. Muitos dos produtos que fazem parte das folhagens como alface, cebolinha, couve, etc, são comprados direto dos produtores rurais.

Coincidências à parte, pode-se admitir que domingo seja o dia mais favorável para os consumidores realizarem suas compras já que ao longo da semana estão envolvidos com suas atividades profissionais. Porém, o elevado movimento de consumidores e transeuntes que se dirijam à feira-livre seja um forte atrativo para o aumento das vendas no supermercado, já que influenciados pelo forte apelo propagandístico.

As terças e quartas-feiras são os dias de promoção no Super Mufato e nas quintas-feiras acontecem às ofertas relâmpago. Nesses dias “tem que fazer uma compra muito grande, se nós anunciamos alface na TV, o cliente chega aqui e ele quer alface”. É necessário que a oferta anunciada seja cumprida, argumentou Venâncio.

Já na feira livre não acontece a propaganda através de meios de comunicação, tampouco através de panfletos. O que acontece é a propaganda de “boca em boca”, a feira por si própria atrai os consumidores, pela sua tradição em acolher bem os consumidores e oferecer preços mais acessíveis.

Com base em uma pesquisa de preços realizada no Super Mufato da Avenida Saul Elkind em 2003 e na feira livre da mesma avenida na mesma data, pôde-se verificar que há uma grande discrepância em relação aos preços nos dois sistemas de abastecimento de hortifrutigranjeiros, pois o supermercado apresentou cerca de 90% de seus produtos mais caros que na feira livre. Os valores apresentam diferenças bastante representativas, visto que os produtos são oriundos da mesma fonte, no caso ambos da CEASA de Londrina, apresentando quase sempre a mesma qualidade. O fato é que o supermercado embute no preço final os gastos com os impostos, propaganda e com sua própria imagem.

Não se pode deixar de frisar, que os preços dos produtos na feira livre estão diretamente relacionados ao horário, pois até as dez horas da manhã os preços estão elevados e o movimento de consumidores é menor, após este horário, há uma queda nos preços dos produtos, sendo bastante comum as vendas através das “baciadas”. O final da feira, após o meio dia é o horário que apresenta o maior fluxo de consumidores devido à baixa nos preços dos produtos. Enquanto o supermercado investe na aparência, demonstrando preocupação com a higiene e boa apresentação dos funcionários, na feira livre estes cuidados não são valorizados, pois não se incomodam com a aparência física de cada um e muito menos com a organização das barracas no conjunto da feira.

Apesar da intensa concorrência que a feira livre da Avenida Saul Elkind vem travando com o supermercado, pode-se dizer que a mesma persiste em sobreviver, contribuindo para o abastecimento da população, além de oferecer algo que os sistemas de auto-serviço como os supermercados não oferecem: como a proximidade pessoal e o diálogo nas relações entre feirantes e consumidores assim como o estabelecimento de laços de amizade entre ambos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. L. E. **Dinâmica espacial da produção e reprodução da força de trabalho em Londrina**: os conjuntos habitacionais. 1991. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORRÊA, R. L. **Comércio e espaço**: uma retrospectiva e algumas questões. Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Laboratório de Gestão do Território – LAGET, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Abril, 2000.

FRESCA, T. M. **Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina**. Relatório Final de Pesquisa, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, 2002, inédito.

JESUS, G. M. O lugar da feira-livre na cidade capitalista. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 95–121, 1992.

PINTAUDI, S. M. **Os supermercados na grande São Paulo**: contribuição ao estudo da transformação do comércio varejista de gêneros alimentícios nas grandes metrópoles. 1981. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SILVA, W. R. **Descentralização e redefinição da centralidade em Londrina**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente–SP.